

Entrevista com o Dra. Angélica – Laboratório de Interações Celulares (LIC) - Página 01

Nesta edição, entrevistamos a professora Angélica, pesquisadora da UFTM, que compartilhou sua trajetória na pesquisa em imunologia e parasitologia, com foco na interface materno-fetal e na toxoplasmose congênita. Ao longo da conversa, ela abordou os desafios do diagnóstico, os avanços obtidos com modelos experimentais inovadores, a importância da formação de novos pesquisadores e o potencial da ciência brasileira nessa área, além de deixar conselhos inspiradores para estudantes que desejam seguir carreira na pesquisa científica.

E agora, qual área escolher? : Perícia Criminal Página 04

Nesta edição especial, abordamos a atuação do biomédico na perícia criminal, uma área que une ciência, investigação e responsabilidade social. A matéria destaca a importância da formação biomédica para a análise de vestígios, produção de laudos e elucidação de crimes, além das diferentes possibilidades de atuação na ciência forense. Para aproximar o leitor da realidade profissional, entrevistamos o perito criminal Apollo Nobre, que compartilhou sua trajetória, rotina, desafios da carreira e conselhos para estudantes interessados em seguir esse caminho.

Compartilha Biomed: IC - Julia Bonifácio Página 05

Julia Victoria Bonifácio Cabreira, graduanda em Biomedicina pela UFTM, relata sua trajetória na Iniciação Científica e como a experiência consolidou seu interesse pela pesquisa acadêmica. Atuando em um projeto que envolve bioquímica e câncer renal no Laboratório do Centro de pesquisa em rim (CePRim) ela destaca os desafios da rotina científica, o amadurecimento pessoal e profissional ao longo do processo e a importância da disciplina. Julia também compartilha a experiência de apresentar seu trabalho em eventos científicos, como a JIEPE e o CIFARP, reforçando seu desejo de seguir carreira na pesquisa e contribuir para o avanço da ciência.

Texto especial - Encerramento do ano

Página 07

O Jornal Biomed Informa encerra mais uma gestão com resultados positivos, após a publicação de quatro edições e o fortalecimento do projeto dentro do curso. O texto destaca a maturidade da equipe, as parcerias com disciplinas e os planos de continuidade, além de apresentar relatos de cada integrante da equipe executora sobre essa trajetória coletiva.

Entrevista com a Dra. Angélica – Laboratório de Interações Celulares (LIC)

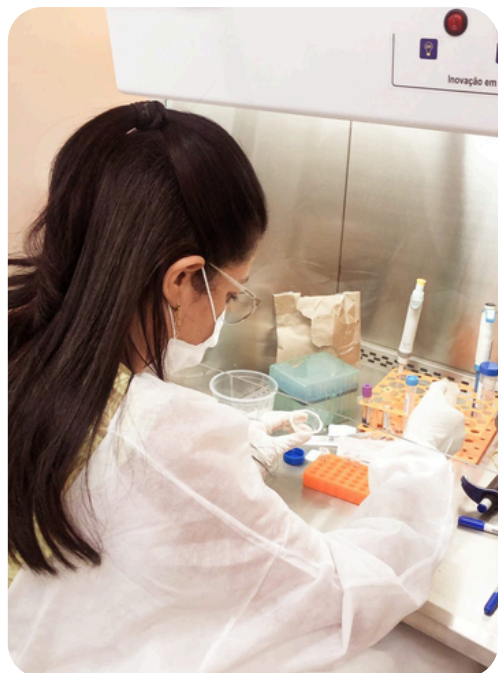
A Professora Dra. Angélica de Oliveira Gomes, é Bióloga formada pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com Mestrado e Doutorado em Imunologia e Parasitologia Aplicadas, na mesma Universidade, e período de Doutorado Sanduíche na Universidade de Michigan. Atualmente, é Professora Adjunto-3 da UFTM, docente em Biologia Celular e Bases Celulares e Morfofisiológicas I, além de coordenadora do Programa de Pós-graduação em Medicina Tropical e Infectologia. É bolsista de produtividade 2 do CNPq e sua atuação científica envolve morfologia, barreiras teciduais, toxoplasmose congênita e imunofisiologia da gestação.



1. Pode contar um pouco sobre como surgiu seu interesse pela pesquisa em imunologia e parasitologia, especialmente voltada para a interface materno-fetal?

R: É difícil contar tudo isso muito rápido, mas, vamos lá. Primeiro, eu sou apaixonada por pesquisa desde criança. Sempre fui muito admirada por cientistas. Quando eu escutava sobre as descobertas, me fascinava. Tinha muita vontade de fazer pesquisa, mas achava que pesquisa-

-dora era só uma pessoa “extraordinária”, como Albert Einstein ou Isaac Newton. Ficava com isso muito dentro de mim, sem falar nada pra ninguém, porque achava que era um sonho inalcançável. Quando eu descobri que Biólogo fazia pesquisa também foi quando decidi fazer Ciências Biológicas. Antigamente a gente não tinha acesso a tanta informação igual hoje. Existia um 'Guia do Estudante', um livrinho que falava o que cada profissional fazia. A cidade em que eu morava era pequena, não tinha internet, nem universidade pública na redondeza. Eu li aquele guia e lá estava escrito que o Biólogo fazia pesquisa. Falei: 'Achei minha profissão!'. E aí foi que eu decidi fazer Ciências Biológicas. Entrei na universidade e segui o rumo da pesquisa. No primeiro período, minha professora de Biologia Celular, Histologia e de Embriologia me encantou muito. Ela contou para a gente que fazia pesquisa, e eu já fiquei assim: 'Ali é uma possibilidade!'. E optei pela monitoria, fiz a prova e, durante a entrevista, ela me convidou para acompanhar a rotina do laboratório. Eu aceitei, então ela me apresentou a sua linha de pesquisa de interface materno-fetal. Eu acabei herdando dela o interesse nessa área e trabalho com a pesquisa em Imunologia e Parasitologia, especialmente voltada para a interface materno-fetal até hoje. A Profa Dra. Eloísa é a minha grande inspiração, que inclusive dá nome ao nosso laboratório em sua homenagem “Laboratório de Interações Celulares Profa Dra. Eloísa Amália Vieira Ferro”!



ângulo Mineiro. Na UFTM, estudamos como a infecção por toxo tem consequências muito diferentes dependendo da idade gestacional.. Então, a *MIF* é uma proteína que tem papel de citocina, atua na resposta imunológica, mas é importantíssima também para o desenvolvimento normal da gestação. Ela vai ser produzida durante toda a gestação. É por isso que a gente correlacionou essas duas moléculas.

3. Como o modelo de explantes placentários humanos tem contribuído para entender a infecção por *Toxoplasma Gondii* durante a gestação?

R: É um modelo de estudo bastante interessante, embora pouco explorado no Brasil e no mundo, devido à complexidade da gestação. Modelos com camundongos são amplamente utilizados, mas apresentam limitações, como diferenças no tempo de gestação, na estrutura placentária e a ocorrência de gestações múltiplas, respondendo apenas parcialmente às perguntas. Outra alternativa é a cultura de células, como a linhagem *BeWo* (trofoblasto), que também fornece respostas limitadas por envolver uma população celular isolada.

O explante de placenta, por sua vez, representa a interface materno-fetal, contendo a porção materna, o trofoblasto, o sinciciotrofoblasto e os vasos sanguíneos fetais. Nesse modelo, todos os componentes que interagem nesse ambiente, incluindo o parasito, são mantidos, exigindo que ele atravesse a barreira placentária e alcance os vasos fetais. Trata-se de um modelo mais fiel, obtido a partir de placentas pós-parto, um material que seria descartado, mas que permite responder a diversas questões científicas. Em cultura, esse sistema simula a interface materno-fetal, possibilitando resultados relevantes e promissores para a pesquisa.

4. Quais são os principais desafios em estudar a infecção placentária e a --

transmissão vertical de parasitos?

R: O maior desafio é esse. Se eu trabalhar com humano, você consegue ter uma amostra de sangue, mas não consegue, pela questão ética, fazer a experimentação em um humano. O camundongo tem o desafio de que o tempo de gestação é diferente e a estrutura da placenta não é exatamente igual. Às vezes eu encontro um resultado no modelo de camundongo e, quando tento transpor para o humano, pode não ser exatamente a mesma coisa. Trabalhar com gestação é sempre muito difícil, por isso acho que tem poucos grupos trabalhando. Quando vou mexer com camundongo e gestação, tenho que colocar as fêmeas para acasalar, saber exatamente o dia que ela acasalou, quando começou a gestação, e depois infectar. Dependendo do modelo, ele aborta bastante. Então você precisa estabelecer bem o modelo para poder trabalhar. Não é fácil! O explante de placenta ajuda bastante, mas ainda assim tem toda a questão de não ser 100% como seria um ser vivo. É desafiador, mas os estudos são muito interessantes e nós achamos que tem uma importância grande. A gente acaba colocando na literatura o que achamos que contribuirá um pouquinho, até nós melhorarmos essas respostas sobre a infecção.

5. Como os resultados das suas pesquisas podem impactar o acompanhamento de gestantes ou o diagnóstico precoce da toxoplasmose congênita?

R: O diagnóstico da infecção na gestação é complexo e representa um grande desafio. Ele é realizado por meio de exames sorológicos que identificam anticorpos (IgM e IgG), indicando se a infecção é recente ou antiga. A transmissão para o bebê varia conforme o período da gestação, sendo mais grave quando ocorre no início, podendo causar aborto e alterações neurológicas, e mais frequente no final, com sequelas geralmente mais leves. Para diagnos-

2. Sua pesquisa tem um foco forte em toxoplasmose congênita e o papel do fator MIF (*Macrophage Migration Inhibitory Factor*). Pode explicar de forma acessível o que é o *MIF* e por que ele é tão importante nesse contexto?

R: O *MIF* é uma proteína. Os artigos trazem que ela é pleiotrópica, ou seja, tem inúmeras funções. A gente sabe que ela tem uma propriedade antiparasitária, já foi descrita para vários patógenos. Além disso, essa proteína está presente na gestação e é normalmente expressa durante todo esse período, sendo importante para a gestação. Então, pensamos 'Será que uma proteína que já é expressa durante a gestação pode ter um efeito durante a infecção por toxoplasmose?'. Para evitar colocar fatores externos que não fazem parte da gestação, como uma medicação, a qual poderia gerar um efeito colateral. Queríamos uma molécula que possui uma capacidade antiparasitária e que já está expressa durante a gestação. Surgiram os questionamentos: "Será que ela vai ser regulada durante a infecção? Qual seria o papel dela no controle da infecção?". Esse foi o meu projeto de Doutorado! Iniciei o estudo e trouxe para a Universidade Federal do Tri-

-ticar a infecção fetal, utiliza-se a amniocentese com PCR do líquido amniótico, porém o método não é totalmente eficaz, pois alguns casos resultam negativos mesmo com nascimento de crianças infectadas. Diante disso, as pesquisas buscam aprimorar o diagnóstico por meio da identificação de novas moléculas no líquido amniótico e do estudo da resposta imune materna e fetal, visando melhorar o tratamento. Além disso, ações de extensão são desenvolvidas para orientar gestantes sobre a prevenção da infecção, reduzindo sua ocorrência.

6. Você orienta muitos alunos de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado. Como vê a importância de formar novos pesquisadores na área de Doenças Infecciosas e Imunologia?

R: Eu acho que a gente tem que sempre “passar o bastão pra frente”. Se eu conseguir encantar algumas pessoas, tanto quanto a pesquisa me encanta, e deixar discípulos... Eu vejo, por exemplo, a minha orientadora, ela conseguiu passar muita coisa pra mim, e hoje eu levo isso adiante. Hoje eu tenho um potencial gigantesco de formar recursos humanos, formar mais gente para estar no mercado de trabalho, nas universidades. Acho que esse papel é importantíssimo. Temos vários problemas na universidade, como a evasão muito grande. Às vezes um aluno está perdido, sem saber o que fazer, e tem um encantamento pela pesquisa que direciona. Então, é muito prazeroso para eu orientar Iniciação Científica, Pós-Graduação, porque acho que abre perspectivas para a gente continuar esse trabalho da pesquisa, no qual eu acredito muito. Eu considero muito importante.

7. Na sua visão, qual é o futuro da pesquisa em toxoplasmose congênita e Imunologia da gestação no Brasil?

R: Eu enxergo que a gente aqui no Brasil tem grande potencial. Acho --

que os principais pesquisadores nessa linha estão no Brasil. Até conversando com minha amiga dos Estados Unidos, ela comentou quando veio: “É tão importante a gente vir aqui e entender a importância da doença no país de vocês”. Porque a gente tem diferença muito grande de cepa que circula em diferentes países. As cepas que circulam na Europa e nos Estados Unidos não causam os mesmos problemas que a gente tem. Ela contou que um dia um aluno perguntou numa reunião: “Por que tanta gente estuda toxoplasmose se isso não causa doença em ninguém?” Porque a realidade deles é muito diferente da nossa. Ela falou que teve essa noção da importância da doença aqui. Então eu acho que é um desafio nosso, um problema principalmente nosso, que a gente tem que ajudar a resolver. Tem grupos fortes aqui no Brasil que estudam, e acho que precisa sempre evoluir as ferramentas. Usar as ferramentas da Bioinformática, pensar em desenvolvimento de vacinas. Porque a gente tem uma doença que se estuda há mais de um século e até hoje não tem uma vacina. As ferramentas que temos hoje, a pesquisa tem evoluído de forma gigantesca. Usar as ferramentas da Bioinformática, as ferramentas mais novas, para a gente poder chegar numa resposta mais importante. Temos que pensar numa vacina, em tratamentos mais eficazes. Eu acredito que o caminho deve ser!



Que conselho daria para um estudante de Biomedicina que deseja seguir carreira em pesquisa?

R: Eu diria que o caminho não é fácil, é sempre muito desafiador. Mas se isso te encanta, segue em frente, vai atrás. Vai atrás de uma pessoa que é uma referência para você, que você enxerga que está ali voltado para a pesquisa. Procure essa pessoa para te ajudar a direcionar. É um caminho muito bonito, pelo menos no meu ponto de vista. Tem várias pessoas que, após assistir uma palestra, me encantaram. Então aconselho que participem de eventos, participem das atividades o quanto antes. Tem professor que fala que precisa estar um pouco mais pra frente, com mais maturidade, mas eu acho que começar a ter contato com os laboratórios, conhecer, interagir, saber das pesquisas que são feitas, participar do convívio no laboratório é sempre bom. Sempre tem muitas atividades na instituição: apresentação das pesquisas, dos trabalhos. Vai atrás, tentem entender o que é feito na universidade, para vocês também terem um direcionamento, saber o que vai encantar vocês. E siga em frente. Eu aconselho fazer pesquisa é um caminho muito bonito!



E agora, qual área escolher? Perícia

A Perícia Criminal se firmou como uma das áreas mais procuradas pelos estudantes de Biomedicina, tanto pela força científica envolvida quanto pela possibilidade de atuação direta na elucidação de crimes. Essa área, frequentemente associada ao imaginário popular por meio de filmes e séries, revela na prática uma complexidade que exige preparo técnico, raciocínio analítico e capacidade de interpretar vestígios que, muitas vezes, são fragmentos de histórias interrompidas. O Biomédico, por sua formação abrangente e interdisciplinar, passa a ocupar um espaço cada vez mais significativo nesse cenário, visto que seu domínio laboratorial, sua familiaridade com amostras biológicas e seu conhecimento sobre processos químicos, toxicológicos e genéticos o tornam um profissional altamente capacitado para atuar com precisão, responsabilidade e fidelidade científica.

A Biomedicina, desde sua formação, oferece uma estrutura curricular que favorece a compreensão de fenômenos biológicos e químicos essenciais à Ciência Forense. Disciplinas como Biologia Molecular, Genética, Farmacocinética, Química Analítica, Microbiologia e Toxicologia fornecem ao estudante a base necessária para lidar com materiais biológicos, interpretar padrões, identificar substâncias e compreender alterações químicas no organismo ou no ambiente. O Biomédico aprende a trabalhar com rigor metodológico, padronização, controle de qualidade, biossegurança e preservação adequada de amostras — competências indispensáveis para quem atua com vestígios que podem definir o rumo de uma investigação criminal. Essa familiaridade com técnicas investigativas e laboratoriais permite que o biomédico manuseie evidências com segurança, realize análises confiáveis e contribua de forma decisiva para a produção de laudos que embasam processos judi-



- ciais

A atuação do Biomédico na Perícia não se limita ao estudo de crimes violentos, como normalmente se observa na mídia. A Ciência Forense abrange diversos campos, como genética forense, toxicologia, química forense, análise ambiental, entomologia forense, papiloscopia, perícia em fraudes e adulterações e investigação de materiais suspeitos. No campo da genética, o Biomédico realiza análises de DNA para identificação humana, reconstrução de cenas, estabelecimento de vínculos biológicos e interpretação de vestígios mínimos, como fios de cabelo, gotículas de sangue ou células epiteliais. Na toxicologia, o profissional é capaz de detectar drogas, venenos e substâncias químicas presentes em fluidos biológicos ou objetos relacionados ao crime. Em análises ambientais, verifica a presença de poluentes, identifica resíduos e contribui para a proteção de ecossistemas violados. Já na área de adulterações, o Biomédico pode examinar alimentos, cosméticos, medicamentos e bebidas para detectar fraudes, falsificações ou alterações químicas que coloquem a população em risco.

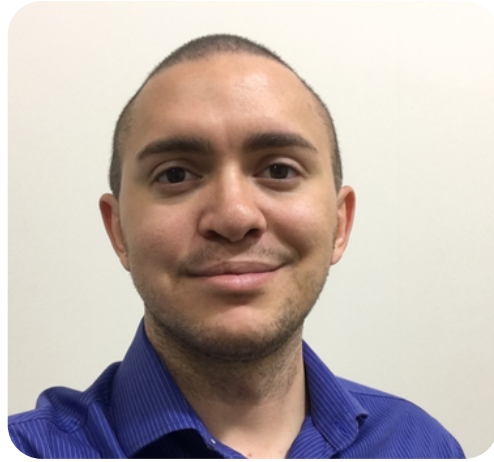
Apesar da diversidade de possibilidades, todas elas têm algo em comum: exigem do perito uma postura ética, um compromisso com a verdade e uma compreensão profunda da responsabilidade envolvida. Para

ingressar na carreira, é necessário concluir o curso superior, atender aos requisitos dos editais de concurso e ser aprovado em processos seletivos que costumam cobrar conteúdos como química, física, biologia, legislação penal e criminalística. Após a aprovação, o profissional passa por curso de formação, onde aprende técnicas de investigação, cadeia de custódia, coletas estruturadas, análises laboratoriais, balística básica, noções de medicina legal, práticas de tiro e treinamentos de segurança. Ao término dessa etapa, o perito está apto a atuar tanto na perícia de campo — que envolve presença em locais de crime, coleta de vestígios e preservação da cena — quanto na perícia interna, que exige domínio laboratorial para análise das evidências que chegam às unidades. Em Minas Gerais, a atuação dentro do laboratório é exclusiva para formados em Farmácia, Química ou Biomedicina, reforçando novamente a importância da formação Biomédica nesse setor.



Para aproximar o leitor da realidade da profissão, entrevistamos o perito criminal Apollo Nobre, 35 anos, Graduado em Farmácia pela Universidade de Uberaba (2012) e Especialista em Ciências Forenses pelo Centro Universitário de Lavras (2019). Atualmente, trabalha como Perito Criminal da Polícia Civil do Estado de Minas Gerais e é graduando em Medicina pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

E agora, qual área escolher? Perícia



1 – Qual foi o principal motivo de você ter escolhido a perícia criminal?

R: Eu buscava uma profissão sem rotina fixa, que oferecesse desafios diferentes a cada atendimento e que exigisse capacidade de raciocínio, análise e interpretação. A ideia de “montar um quebra-cabeça” a partir de vestígios encontrados nos mais variados cenários sempre me atraiu.

2 – Como você descobriu a área e o que motivou sua escolha?

R: Conheci à perícia por meio de pesquisas sobre carreiras científicas, com certa influência das séries que passam na televisão. Além disso, feiras de profissões o ajudam a visualizar melhor a atuação do perito, despertando meu interesse pela investigação científica aplicada à prática policial.”

3 – Quando iniciou sua preparação para o concurso e como foi o processo?

R: Durante a graduação, estudei as matérias que costumam cair nos editais. Nos últimos meses do curso, fiz revisões e me dediquei integralmente. Após ser aprovado, passei por quatro meses de formação em Belo Horizonte, onde teve treinamento teórico, técnico e operacional.”

4 – Qual caso mais marcou sua carreira até hoje?

R: O primeiro caso, no meu primeiro plantão, envolveu um feto encontrado após um cachorro puxar parte dos restos do terreno. Precisei estimar a idade gestacional do feto e analisar a cena. A responsabilidade e a complexidade emocional tornaram o caso memorável.

5 – Como funciona a definição entre atuar na perícia de rua ou no laboratório?

R: Tem uma prova interna durante o curso de formação, que determina a ordem de escolha das vagas. Quem obtém maior pontuação escolhe primeiro. A maioria das vagas é destinada à perícia de rua, pois os laboratórios comportam menos profissionais.

6 – Qual a parte mais difícil da profissão?

R: Cada área apresenta dificuldades distintas. Acidentes de trânsito exigem cálculos, análises complexas e reconstruções. Balística requer estudo minucioso de armas e projéteis. Homicídios envolvem forte impacto emocional.”

7 – O que poderia melhorar e os biomédicos têm vantagem?

R: Melhorar a valorização salarial, considerando os riscos da atividade. Os Biomédicos se destacam pela formação multidisciplinar, o que explica a alta presença desses profissionais na área.”

8 – Como funciona sua rotina de trabalho?

R: A rotina segue uma escala de 12 plantões por mês, ajustada conforme a demanda da região, exigindo flexibilidade e constante disponibilidade.”

9 – Qual conselho você deixa para quem deseja seguir essa carreira?

R: Visitar unidades de perícia, conversar com peritos experientes e iniciar cedo a preparação para os concursos. O estágio obrigatório é permitido, ocorre nos laboratórios e, eventualmente, possibilita acompanhar locais de crime.”

Compartilha Biomed : IC - Julia Bonifácio

1- Conte um pouco sobre você

R: Meu nome é Julia e estou no sexto período. Desde pequena sabia que queria fazer algo relacionado a Ciências Biológicas, mas não sabia dizer um curso de maneira específica. Somente no final do terceiro colegial que a Biomedicina surgiu como opção. Nessa época, eu ainda estava tendenciosa a Medicina, inclusive prestei alguns vestibulares com esse curso em primeira opção, mas com o

do tempo percebi que talvez a profissão não seria pra mim. Havia muito mais interesse da minha parte pelo âmbito científico da “coisa”, em entender como todo o organismo funciona e, em especial, nas pesquisas que desvendaram esse funcionamento; estar em contato com um paciente pouco me animava, além de que dificilmente conseguia me imaginar atuando em alguma das --

áreas da medicina. Com base nisso, entendi que meus interesses me levavam mais à Biomedicina do que a Medicina ou outros cursos da saúde, pois além de me ver trabalhando em diversas especialidades da profissão biomédica, ainda me encantei pelas possibilidades (quase) infinitas da Pesquisa Acadêmica.



Julia Bonifacio

2- Você sempre pensou em fazer uma Iniciação Científica? Como foi o processo da escolha da área, do orientador?

R: Sim, sempre quis fazer uma Iniciação Científica. Ainda no ensino médio, tive a oportunidade de participar da Equipe de Pesquisa e Desenvolvimento de Drones, criada por dois professores da escola em que estudei, e estar envolvida nos projetos dessa equipe, em especial no projeto de “Reflorestamento Autônomo com o Uso de Drones”, foi fundamental para estabelecer meu interesse pela pesquisa. Fomos finalistas da 19ª Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (FEBRACE 2021) e, nesse ponto, tive certeza de que gostaria de continuar na pesquisa científica.

Já na faculdade, participei do minicurso de Cultura de Células do Encontro Mineiro e gostei bastante não só da parte prática, mas também da versatilidade que a cultura permi-

-te. O minicurso foi ministrado pela professora Régia e, após um tempo pensando, decidi procurá-la, inicialmente com interesse em participar de seu grupo de pesquisa. - Quando conversamos pela primeira vez, mencionei que havia gostado da cultura e queria acompanhar alguns experimentos, além de dizer que gostava (e ainda gosto) muito de Bioquímica. Nisso, ela comentou sobre um possível projeto que tinha, que envolvia a Bioquímica e o câncer renal, do qual eu poderia gostar. Aceitei a ideia e escrevemos o projeto definitivamente.

3- Quais eram suas expectativas em relação a IC? Elas foram alcançadas? Você foi surpreendida positivamente por algo nesse processo que você não esperava?

R: Tinha receio de começar a IC e perceber, na metade do caminho, que não era tudo aquilo que imaginei, porque, apesar de sempre querer fazer uma Iniciação Científica, existia a possibilidade de não gostar do tema do projeto ou de não me adaptar à rotina da pesquisa. Felizmente, a experiência foi melhor do que eu imaginei! Foi extremamente gratificante ver o projeto tomando forma e as hipóteses se confirmando. Nesse processo, tivemos um atraso significativo na entrega da droga e, quando finalmente chegou, pensei que não daria mais tempo de realizar os experimentos necessários; mas, no final, conseguimos.

4- Quais foram os maiores desafios e obstáculos e como você lidou com eles? Como essas experiências impactaram a sua visão sobre a pesquisa, sobre a Biomedicina e até mesmo sobre você?

R: Querendo ou não, e dependendo também do quanto você leva a IC a sério, ela torna-se quase que um estágio. Demanda tempo, dedicação e muita disciplina. Portanto, meu maior desafio foi manter firme a minha disciplina e organização, de modo a ter equilíbrio na minha rotina entre estar no laboratório e estar na sala de

aula, pois ainda existiam provas e trabalhos que precisavam ser feitos — se não, não passava de período rsrs.

Não é fácil estar cansado e ter que continuar apenas com a força da disciplina, e isso foi algo que pensei diversas vezes que não conseguiria. Essas experiências me evidenciaram três coisas principais: a primeira foi, na verdade, um choque de realidade em relação à pesquisa, pois, se para mim foi algo cansativo, como não deve ser para aqueles que trabalham exclusivamente com pesquisa e são pouco valorizados? A valorização não deve ser baseada apenas na qualidade e “utilidade” do trabalho final, mas sim em toda a dedicação e tempo que a equipe disponibilizou para que esse trabalho fosse feito; a segunda coisa é que, às vezes, a disciplina dói, e nem sempre ela será garantia de que tudo vai dar certo, muito menos de que sua rotina será religiosamente seguida. É nesse momento que surgem dúvidas sobre si mesmo que fazem repensar as escolhas tomadas, o que exige um equilíbrio tremendo para manter-se consciente e seguir em frente, porque, no final, nenhuma dessas dúvidas tem fundamento e tudo acaba dando certo.

Por fim, apesar do cansaço da rotina, o processo de pesquisa ainda pode ser leve quando você está trabalhando não só com o que gosta, mas também com pessoas de quem gosta. É um ano dividindo experimentos, laboratório e resultados com essas pessoas. Sendo assim, faço um agradecimento especial à Ana, com quem dividia os dias na cultura, à técnica Aline, da Patologia, que nunca mediu esforços para nos ajudar, e, claro, à professora Régia, pela paciência e atenção dedicadas a nos ensinar sobre a pesquisa.



Biomed Informa

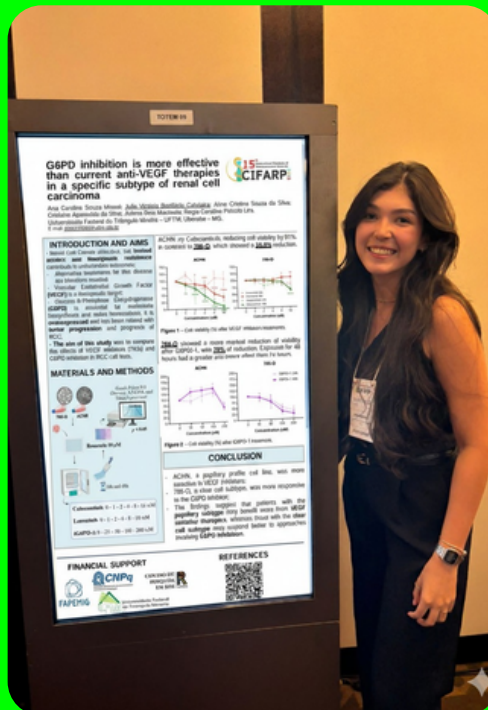
5- Nesse ano você teve a oportunidade de apresentar seu projeto na JIEPE e no 5º Congresso Internacional de Ciências Farmacêuticas - CIFARP. Conta um pouco sobre essa experiência e como foi apresentar em inglês.

R: Foi uma experiência incrível!!! A apresentação do congresso deveria ser feita em apenas três minutos e, confesso que estava bastante enferrujada no inglês, mas estar inserida em palestras e outras conversações na língua inglesa, ali mesmo no congresso, ajudou muito a retomar um pouco do vocabulário. Também houve muitas palestras com temas interessantíssimos e trabalhos fenomenais. Participar do CIFARP e da JIEPE foi a garantia de que é por esses caminhos que quero continuar seguindo.

6- Fale um pouco sobre a importância da pesquisa na Biomedicina da UFTM e como você se sente fazendo parte e contribuindo para esse legado

R: A minha participação nesse legado é igual à participação de todos os meus colegas que fizeram ou estão fazendo parte de uma pesquisa. Uma das especialidades da nossa profissão é estar inserido nesse ambiente científico; portanto, ter essa opção na UFTM nos permite sair capacitados

não só nas análises clínicas, mas também na Pesquisa Científica. Ser pesquisador, mesmo que na faculdade, é ajudar a Ciência hoje para que, no futuro, ela ajude outras pessoas!!! Não se aprende somente o que se está pesquisando no seu projeto; esse aprendizado vai muito além das paredes do laboratório.



Texto especial: Encerramento do ano

O Jornal Biomed Informa chega ao final de mais uma gestão com o sentimento de dever cumprido. Ao longo desse ano, foram realizadas quatro novas edições, que só foram possíveis a partir de muito esforço, dedicação e trabalho coletivo de todos os membros envolvidos.

Com uma equipe mais madura e preparada para lidar com os diferen-

tes desafios do projeto, o jornal se consolidou como um dos pilares do curso, fortalecendo seu papel na formação acadêmica e no tripé estabelecido pela universidade. Para os próximos anos, o foco será o crescimento das redes sociais, com o objetivo de ampliar o alcance do conteúdo e garantir a continuidade do projeto.

Além disso, o Jornal Biomed Informa estabeleceu parcerias com diferentes disciplinas, reforçando sua capacidade de integrar ensino, pesquisa e extensão de forma efetiva. Dando sequência a esse trabalho, uma nova gestão será formada, trazendo novas ideias e perspectivas para o projeto. Também será aberto, em breve, um processo seletivo para a escolha de um novo bolsista, fortale-



Biomed Informa

fortalecendo ainda mais a equipe.

Diante de tantos avanços, toda a equipe celebra os resultados alcançados e, com orgulho, compartilha agora um recadinho especial de cada integrante.



Cristian de Araújo Santos



Fico muito feliz por ter acreditado nesse projeto quando decidiram trazê-lo de volta. Entrei para o Biomed Informa em 2024, na coordenação de marketing, e assumi a coordenação geral em 2025. Tenho um carinho enorme pelo projeto, pois foi o primeiro grande projeto que assumi dentro da faculdade. Entrei com muito medo de não dar conta e por não confiar em mim mesma, mas hoje vejo o quanto ele me amadureceu e o quanto cresci ao longo dessa jornada, tudo graças ao jornal.

Fico muito feliz pelo trabalho que realizamos neste ano e por ver o quanto o jornal cresceu dentro do curso. Conseguimos torná-lo mais conhecido e, agora, pretendo continuar na coordenação para seguir contribuindo com seu crescimento. Meus agradecimentos especiais vão para Maria Luiza e Carlos, que foram os primeiros a entrar nesse barco e colocar o projeto em movimento, e, principalmente, ao professor Carlo, que confiou em mim a coordenação do projeto e, juntos, construímos uma base sólida.



Isabel Queiroz



Neste ano, recebi o convite de um amigo para integrar o marketing do Biomed Informa e me perguntei: por que não? Entrei no início do ano, e foi uma decisão muito assertiva. Já conhecia a iniciativa e sempre admirei a dedicação e o empenho dos envolvidos, sejam alunos ou professores.

É um projeto muito bonito, que busca constantemente conectar os pilares e as pesquisas da Biomedicina, assim como do meio acadêmico como um todo. Sou muito grata pela oportunidade e pelo trabalho que vem sendo desenvolvido.

Torcemos sempre para que possamos inspirar, aproximar pessoas e evidenciar a área incrível que a Biomedicina é.



Maria Luiza Escareli



Minha jornada no Biomed Informa começou logo no segundo período da faculdade, quando, junto do Professor Carlo e os meus colegas Carlos e Cristian, trouxemos o projeto de volta após um longo hiato pós pandemia. Foi um período de bastante aprendizado, muito importante para o meu autoconhecimento quanto a minha relação não só com a vida acadêmica, mas também com a biomedicina. Isso porque, nós só passamos a conhecer a biomedicina de forma profunda com o passar do tempo na faculdade, com as disciplinas, contato com os professores e outros alunos. Por isso, sou muito grata pelo Biomed Informa ter entrado na minha vida logo no início de tudo, pois foi esse projeto que me permitiu me aprofundar no curso que eu havia escolhido e acima de tudo olha-lo com muito orgulho e carinho.



Milena Desidério



Minha experiência como corretora de textos no Biomed Informa foi extremamente enriquecedora. Mesmo não sendo da área da Biomedicina, tive a oportunidade de aprender muito ao estar em contato com conteúdos que fogem bastante daquilo que estou acostumada a ler e produzir. Essa troca foi especialmente interessante, porque me permitiu conhecer e compreender um outro universo acadêmico, ampliando meu olhar e meu repertório.

Além do aprendizado, destaco também com muito carinho o contato humano proporcionado pelo projeto. Desde o início, fui acolhida por pessoas gentis, educadas e sempre muito respeitadas, o que tornou todo o processo mais leve e prazeroso. O Biomed Informa foi, sem dúvida, uma experiência muito bacana, que contribuiu não só para o meu crescimento acadêmico, mas também pessoal.

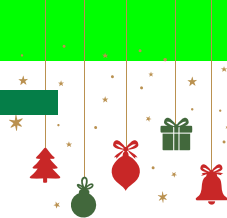


Milene Fátima Moreira



Fazer parte do Biomed Informa em 2025 foi uma experiência muito especial e que chegou de forma inesperada na minha trajetória, já na reta final da graduação. Atuar no marketing me permitiu aprender, trocar e enxergar a Biomedicina para além da sala de aula, entendendo a importância de comunicar e conectar pessoas.

Agradeço especialmente ao professor Carlo, que torna possível a realização do jornal, ao Cristian pelo convite e apoio de sempre, e à Isabel pela parceria e pelo trabalho tão leve e produtivo no marketing. Encerro esse ciclo de 2025 do jornal com gratidão



por tudo que vivi e por todos que fizeram parte dessa caminhada!



Carlo J. F. Oliveira



A atividade docente nas instituições de ensino superior envolve muitas responsabilidades no entanto, a divulgação científica nem sempre é lembrada ou cobrada como uma atividade estratégica. Desde que cheguei na UFTM em 2011 percebi que alguns estudantes não percebem o quanto a profissão biomédica é uma carreira extraordinária e inovadora. Assim quando me tornei

coordenador do referido curso iniciei, juntamente com vários alunos, uma iniciativa que temos muito orgulho: o Jornal “Biomed informa”. Em linhas gerais, se tivermos em conta o papel da Biomedicina em uma sociedade cada vez mais dependente do conhecimento, da tecnologia e da inovação, vamos perceber o quanto essa profissão é estratégica para o desenvolvimento do Brasil. Assim, um jornal focado na profissão Biomédica, e tudo que a envolve, é crucial para valorizar e divulgar a profissão, orientar estudantes sobre as áreas de atuação e educar a população sobre a contribuição inestimável dos biomédicos para a --

saúde, a ciência, a geração de riquezas e soberania nacional. Então, fazer parte do jornal é motivo de orgulho, pertencimento e convicção que estamos semeando informação sobre uma das profissões mais interessantes e estratégicas do país e que a mais de 25 anos é motivo de orgulho da nossa gloriosa, a UFTM. Por fim, em nome do jornal “Biomed Informa” desejamos um excelente fim de ano para todos os leitores e que 2026 seja um ano de ainda mais sucesso e divulgação biomédica no Brasil, uma país carente de conhecimento e de informações baseado em evidências científicas.

Equipe Biomed Informa



Professor Carlo J. F. Oliveira



Maria Luiza Pereira Escareli



Cristian de Araújo Santos



Milena Desidério



Bruna Falqueiro de Souza



Milene Fátima Moreira



Isabel Queiroz



Saulo Domingos

Participações Especiais

Redatores da matéria “E agora, qual área escolher? Perícia Criminal”

Adrielli Miyuki Aguiar Miura

Emily Gabriely Silva

Giovanna Resende de Lima

Igor Paulo da Silva

Redatores da matéria “Entrevista com a Dra. Angélica”

Ana Paula Mundim Silva

Henrique Casquero Amaral

Laís Lara de Rezende Nicacio

Rhânia Kallyta Silva Cipriano Oliveira

